

**ENTRE FIDALGOS E VAQUEIROS:
OS CAMPOS LEXICAIS
NA OBRA DE UM ARISTOCRATA FEIRENSE**

Charlene Cristine Conceição de Jesus (UNEB)
charlene_uefs@hotmail.com

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB)
celinabbade@gmail.com

RESUMO

O trabalho a ser apresentado tem como objetivo realizar um estudo lexicológico a partir dos campos lexicais visando o resgate da história da cidade de Feira de Santana, no estado da Bahia, em meados da década de 30, cidade predominantemente agrária onde prevalece a figura do sertanejo. Para entendermos melhor como era caracterizada essa vida bucólica e conhecermos características culturais e sociais da época e da cidade em questão, utilizaremos uma das obras de um escritor feirense Eurico Alves Boaventura: seu livro intitulado *Fidalgos e Vaqueiros* (1989). O vocabulário presente nessa obra revela uma memória social da cidade atrelada ao passado das casas-de-fazenda, da cultura negra e das antigas autoridades fidalgas e vaqueiras. Para o desenvolvimento da pesquisa faremos o levantamento das lexias, organizando-as em campos lexicais, a partir da teoria defendida por Eugenio Coseriu (1977, 1987) e seguida por demais teóricos como Celina Márcia de Souza Abbade (2006, 2007, 2009, 2011, 2012, 2015), Evanildo Bechara (1999), Stephen Ulmann (1970), dentre tantos outros. Partindo do próprio título do romance, dividiremos a pesquisa em dois grandes campos: "fidalgos" e "vaqueiros". Como a pesquisa ainda está no início, os microcampos serão organizados posteriormente.

Palavras-chaves:

Lexico. Teoria dos campos lexicais. Feira de Santana. Eurico Alves Boaventura.

1. Apresentação

Feira de Santana não ganhou o apelido de “Princesa do Sertão” de Ruy Barbosa por acaso. Essa cidade tão emblemática, é viva, alegre, imponente, cheia de graça e beleza; pulsante.

Segunda maior cidade do estado da Bahia, encontra-se num dos principais entroncamentos de rodovias do Nordeste brasileiro, onde ocorre o encontro das BR-101, 116 e 324, funcionando como ponto de passagem para o tráfego que vem do Sul e do Centro-Oeste e se dirige para Salvador e outras importantes cidades nordestinas. Graças a esta posição privilegiada e à distância relativamente pequena de Salvador, a cidade possui um importante e diversificado setor de comércio e serviços, além

de indústrias de transformação e a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana é famosa também por suas festas típicas, como a da Senhora Sant'Ana, na segunda quinzena de janeiro, a Mícareta, conhecida como Carnaval fora de época, comemorada na cidade entre os meses de abril e maio; as festas juninas, nos distritos de Maria Quitéria e São José, o Festival de Violeiros, em setembro; a Expofeira (Exposição Agropecuária) também em setembro, Festa de Vaqueiros – realizada no distrito de Jaguará, Festa de Reis – realizada no distrito de Tiquaruçu, O Bando Anunciador, e o Natal Encantado no mês de dezembro, que se caracteriza com a iluminação e todos os enfeites característicos da época e rica em apresentações culturais.

Mas, apesar de todas essas informações, o presente trabalho busca (re)conhecer uma Feira de Santana não Princesa, não mulher e sim uma “terra menino, um vaqueirinho vestido de couro!” (BOAVENTURA, 1989). E para conhecer essa Feira de Santana nada melhor do que o escritor feirense Eurico Alves Boaventura, um homem da terra, erudito, de família aristocrata, escritor, poeta, advogado e o mais importante amante da sua cidade Natal.

Quando pensamos em sertão, as imagens que vem a nossa mente são: forró, festa junina, seca e miséria. Mas para Eurico Alves Boaventura, essa imagem vai muito mais além: é um espaço com fronteiras geográficas e perfis sociais bem definidos, tanto que na sua obra *Fidalgos e Vaqueiros*, ele divide o Brasil em categorias: Brasil Norte, Brasil do Litoral, Brasil das Minas, Brasil do Sul e o que mais nos interessa: Brasil Sertão. Esse último é caracterizado como uma região de “pastos, malhadas, currais e casas-de-fazenda”.

Para entendermos melhor como era caracterizada essa vida bucólica e conhecermos características culturais e sociais da época e da cidade em questão, faremos um resgate cultural e social, através da obra supracitada. O vocabulário presente nessa obra revela uma memória social da cidade atrelada ao passado das casas-de-fazenda, a cultura negra e as antigas autoridades fidalgas e vaqueiras.

2. Eurico Alves Boaventura: o escritor por trás do fidalgo

O feirense Eurico Alves Boaventura (1909-1974) foi um feirense poeta, cronista, ensaísta e contista. Filho de Gonçalves de Santana Boa-

ventura e Maria Amélia Boaventura, viveu a infância e início da adolescência morando em uma residência nas proximidades da Praça dos Remédios em Feira de Santana. Aos 14 anos mudou-se para Salvador onde iniciou a vida intelectual. Devido à escassez de estabelecimentos de ensino secundário e superior, era comum aos que pretendiam dar continuidade à formação educacional, deslocarem-se para a capital onde estavam as mais recomendadas instituições de ensino de segundo grau e as poucas faculdades de então, notadamente de medicina e direito. (SILVA, 2000)

Interessado pela criação literária, Eurico Alves Boaventura aos 19 anos, participou do grupo fundador da revista *Arco & Flexa* que entre 1928 a 1929 reuniu escritores sensíveis à tendência de renovação estética literária do Modernismo. Teve destaque na poética modernista na Bahia, ao lado de Godofredo Filho, Carvalho Filho, Sosígenes Costa, Alves Ribeiro.

A paixão por sua terra natal está presente em muitas das suas obras, como podemos observar no poema "O dia alegre da minha cidadezinha romântica":

Hoje é o dia mais alegre da minha terra.

Domingo de missa festiva da igreja
pobre de Nossa Senhora dos Remédios.

Os sinos já repicaram em coro
pela terceira vez.
e a igreja já está quase repleta:
constureirinhas de vestidos novos de palha e seda;
[...] E eu fiquei pensando: se a gente pudesse mandar
Celebrar missa festiva todo dia
No coração da gente...

(BOAVENTURA, in OLIVIERI-GODET, 1999, p. 151)

Segundo Rita Olivieri-Godet (1999), até Manuel Bandeira foi convidado para conhecer Feira de Santana, no poema *Elegia para Manuel Bandeira*:

Manuel Bandeira, dê um pulo a Feira de Santana
e venha comer pirão com carne assada de volta do curral
e venha sentir o perfume de eternidade que há nestas casas
de fazenda,
nestes solares que os séculos escondem nos cabelos desnatrados
[das noite eternas
venha ver como é céu de verdade
e o tabaréu como até se parece com Nosso Senhor.

(OLIVIERI-GODET, 1999, p. 170)

De acordo com Juraci Dórea (1999), esse amor por Feira de Santana se dá por dois motivos:

Primeiro, porque ele tinha pela terra natal uma paixão incontrolável, um amor sem medidas e segundo, por ser uma cidade idealizada, uma cidade que ele revela a partir de um processo de arqueologia sentimental, onde se mesclam realidade, memória e poesia.

Para Valter Guimarães Soares (2009), o principal trabalho de Eurico Alves Boaventura no que tange à sua busca pela invenção da identidade sertão é, sem dúvida, o livro *Fidalgos e Vaqueiros*, pois é nesta obra que a abordagem histórica se encontra mais elaborada. O referido autor nos apresenta uma Feira de Santana pastoril, onde prevalece a imagem do sertanejo. Isso se deve ao fato de que essa percepção de Eurico Alves Boaventura é marcada pela identidade, familiaridade e (con)vivência que o autor tinha com o seu objeto de trabalho. Ainda, segundo Valter Guimarães Soares (2009):

Eurico Alves Boaventura (re)inventa a espacialidade *sertão*. E o faz destacando o elemento humano. Tensionando a relação homem-natureza faz o *sertão* emergir como espaço de relações biopsicossociais, território de práticas e representações da vida e da realidade do mundo. O *sertão* é, assim, representado como lugar de cultura e sabedoria, o que traduz um deslocamento de certas associações entre miséria material e pobreza cultural, muito comum no imaginário euclidiano e, posteriormente, do “romance de 30”. (SOARES, 2009, p. 50)

O vaqueiro é símbolo desse sertão pastoral de Eurico Alves Boaventura, é ele a figura mais representativa do sertão, com sua linguagem própria, vestes apropriadas para o trabalho árduo levando a identificação de quem lida com o gado, seu pastoreio e transporte, no seio da sua comunidade. “Saiu o vaqueiro, vestido de bandeirante, a desbravar o horizonte, a rasgar serras e a esfarrapar nexas de mato mais alto, para caminhos posteriores, à cata de mais pastos”. Assim é a vida desse personagem ilustre do sertão tão bem descrito por Eurico Alves Boaventura (1989, p. 27)

3. Produção lexical na Feira de Santana rural

O presente artigo tem como objetivo resgatar uma parte da história da cidade de Feira de Santana tendo como base o livro de Eurico Alves, pois acreditamos que o estudo do vocabulário utilizado por ele em seu romance, nos ajudará a traçar um perfil da sociedade vigente dessa época, onde escravos, vaqueiros e grandes fazendeiros caracterizavam a

identidade rural dessa cidade e ajudavam o nosso escritor a ter um olhar singular para as tensões internas no período de transição de uma Feira de Santana Rural para uma Feira de Santana Moderna:

Até a quarta década do século, metamorfoseava-se a velha cidade provinciana, em lenta sugestão de Capital minúscula. Em, 1940, daí pra frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. Como seguro pectardo do progresso, da noite par o dia, o comercio sacudiu a cidade.[...]

Sacudiu-se o velho folclore da terra.

Corre até a notícia de que existe uma localidade no interior, lá no norte, onde as velhas abençoam os meninos curiosamente:

Abença, inhá Fulana!

Deus te leve para Feira de Santana!

O tempo mudou o fáceis da minha cidade. No traçado comercial foi radical a mutação. Da lista encardida pelo tempo, que encontro no arquivo do armazém de meu pai, já se esconderam muitos dos seus companheiros de então. (BOAVENTURA, in OLIVIERI-GODET, 1999, p. 77)

Para alcançarmos os objetivos da nossa pesquisa, a teoria dos campos lexicais, proposta por Eugenio Coseriu (1977), irá nos ajudar porque, segundo ele, é possível “fazermos um estudo diacrônico estrutural das significações das palavras, desde que se entenda a forma ou substância semântica como substância linguisticamente formada”. (ABBADE, 2009)

Para fazermos a análise dos campos lexicais, vamos levantar as lexias existente, com o intuito de possibilitar a compreensão dos macro e microcampos, sem deixar de observar seus conceitos e uso de acordo com a época – no caso, a cidade de Feira de Santana, na década de 30.

Começaremos dividindo as lexias selecionadas em dois macrocampos: (1) Fidalgos e (2) Vaqueiros, seguindo o título do livro e depois estruturaremos o campo lexical obedecendo as seguintes etapas:

- a) Levantamentos das lexias referentes aos macrocampos já definidos;
- b) Consulta a alguns dicionários de língua portuguesa, a fim de auxiliar nas definições das lexias elencadas;
- c) Definição dos microcampos lexicais correspondentes as lexias levantadas.

Ao fazermos essa separação, iremos estruturar as lexias em seus devidos macrocampos e microcampos, mostrando as suas diferentes ocorrências a partir dos exemplos retirados do *corpus* do livro, situando-as em páginas e linhas. Utilizaremos desse processo para mostrar que não se pode pensar o léxico como um sistema fixo de nomeação de tudo o que há, pois, de acordo com Mário Vilela, “o léxico não é uma soma de nomenclaturas, etiquetando a realidade: a transitoriedade das coisas e do mundo, a história e o devir aninham-se no interior do léxico”. (1995, p. 78)

4. A perspectiva teórica para os estudos da lexicologia: teoria dos campos lexicais

O que seria a forma de manifestação mais singular que caracteriza um povo, a maior forma de representação de uma sociedade, se não, a língua? Segundo Fernand de Saussure (1977), a língua é um tesouro depositado pela fala de pessoas de um determinado grupo social. Ela está depositada pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade. O sistema de signos de uma língua está vinculado ao processo das relações sociais

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu modo, a linguagem é multi-forme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humano, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE. 1977, p. 17)

Para Fernand de Saussure, a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o linguista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder.

Sendo a língua esse poderoso instrumento de identificação de um povo, estudar o léxico de uma língua é também estudar sua cultura, pois cada palavra tem um significado diferente a depender da época, da região, da classe social, da idade e gênero do falante etc.

Devemos lembrar que, sendo a língua um produto de uma sociedade, ela é regida por regras constituídas nessa mesma sociedade.

Devido ao fato de que o indivíduo é incapaz de adquirir uma língua sem se relacionar com seus pares e seu seio social, John Lyons (1981) afirma que

[...] não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido, embora não necessariamente aprendido, em virtude de o indivíduo ser membro de determinada sociedade". Sendo assim, é por meio das relações estabelecidas em sociedade que o homem adquire a língua, externa sentimentos manifestando-se das mais variadas formas. LYONS, 1981, p. 27)

Isto nos leva a crer que não podemos estudar a língua distancian-do-a da sociedade na qual, o falante está inserido. Através do léxico, podemos perceber, o sistema de valores, as práticas socioculturais da comunidade e os costumes que estão refletidos diretamente no vocabulário da comunidade em estudo. Segundo Celina Márcia de Souza Abbade:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza. (ABBADE, 2011, p. 1332)

Não devemos esquecer que a língua está intimamente ligada as relações sociais e ao fenômeno da comunicação. Aderlande Pereira Ferraz (2006) afirma que as relações entre “léxico e cultura, léxico e sociedade, são indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico”. Não esquecendo que o homem se apresenta dentro desse contexto, trazendo seus referenciais culturais, psicológicos e sociais.

Para Irlandé Antunes (2012) o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória” representativa das “matrizes cognitivas” construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. Ainda, segundo Irlandé Antunes:

O léxico, ao contrario da sintaxe e da fonologia, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem

e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro. (ANTUNES. 2012, p. 29)

O léxico deve ser entendido como um sistema que está em pleno funcionamento, sofrendo mudanças, esquecimentos, reorganizações, pois sabemos que “[...] o léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade” (VILELA, 1995). De acordo com a afirmação de Mário Vilela, é por meio desse funcionamento da língua que a vida de um povo tem significado. Por meio dele são arquitetados os pensamentos, as percepções e sentidos inerentes à realidade.

Assim como Mário Vilela, Maria da Graça Krieger afirma que:

O léxico retrata-se com um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história, já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum das palavras, condição necessária à comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas. (KRIEGER, 2010, p. 170)

O léxico não trata de palavras soltas, isoladas, pelo contrário, é composto por lexias que são organizadas em estruturas, as quais ganham significados a partir dos contextos que estão inseridos. Isso se pensarmos que o léxico, nas suas diferentes dimensões, está intimamente relacionado a questões de educação e cultura. (KRIEGER, 2010, p. 163). Para a compreensão dos aspectos culturais presentes na obra *Fidalgos e Vaqueiros*, *corpus* da nossa pesquisa, do escritor feirense Eurico Alves Boaventura, faz-se necessário considerar o contexto em que foi produzido, os costumes e tradições de uma época.

Na realidade, a palavra, apesar de imprecisa, ocupa uma posição muito importante no campo linguístico, sendo articulada pelos elementos de ordem fônica, morfológica, semântica e gramatical.

Utilizar-se do léxico para descrever ou reavivar as memórias coletivas se deve ao fato de acreditarmos que é possível, por meio do texto escrito, se conhecer um grupo social, a sua história, os seus costumes, o ambiente em que vive e até mesmo a sua forma peculiar de representar a realidade que o circunda.

Sabendo que a língua reflete a realidade social no qual o homem infere suas marcas de acordo com a região em que vive, buscamos resgatar, por meio dos vocábulos, o modo de vida retratado por Eurico Alves

Boaventura na obra *Fidalgos e Vaqueiros*, tendo como objetivo fazer o levantamento das lexias presentes na obra supracitada, caracterizando os aspectos sociais da época, do lugar em que tais escritos foram lavrados e outros elementos que reflitam a identidade do sertão.

Ao apresentarmos um sertão forte, imponente e um estudo, sobretudo, do desenvolvimento de uma aristocracia rural, acreditamos que acima de tudo, essa pesquisa contribuirá nos estudos linguísticos da região, além de resgatar uma pequena parte do vocabulário desse povo, trazendo revelações do seu modo de pensar e agir.

5. *A palavra como herança cultural*

O homem, na relação que estabelece com o mundo em que vive, demonstra uma necessidade em nomeá-lo. Isso pode ser observado no fato de tanto os elementos animados quanto os inanimados recebem um nome, tais como os animais, sentimentos, plantas, seres imaginários, etc. Ademais, segundo Maria Tereza de Camargo Biderman:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN. 2001, p. 13)

Ao ampliarmos os nossos conhecimentos sobre o léxico e seus estudos (lexicologia, lexicografia, terminologia) notamos as contribuições para identificar todo o conjunto lexical de um idioma, e de suas unidades básicas: as palavras. É por meio delas que criamos frases e textos, enfim, realizamos a fala e efetuamos a escrita.

Maria Tereza de Camargo Biderman descreve um processo de nomeação datado de 1981, mas bastante atual porque tal processo é incessante e resulta no enriquecimento do léxico das línguas independente do seu posicionamento cronológico.

Isso se deve ao fato de que o homem está em constante mudança e pesquisando sobre vários temas resultando em descobertas tanto no campo tecnológico (internet, TV, computador, celular, *tablet*, *notebooks*, *smartphone* etc.), quanto no campo científico (novas espécies de animais e/ou plantas, doenças, novos planetas etc.). Com isso, há a necessidade da atribuição de nomes a esses novos elementos. Para essa nomeação, pode-se selecionar um nome já existente no léxico da língua ou optar-se

pela criação de um novo nome (neologismos). Contudo, se a cada invenção ou descoberta fossem criados novos nomes, o léxico aumentaria consideravelmente. Por esse motivo, como numa economia lexical, por vezes são utilizados nomes já existentes na língua para designar novos elementos.

É nesse sentido que focalizamos os estudos em torno da lexicologia que, no sentido lato, tem por objeto de estudo as ‘palavras’, as unidades lexicais. Como afirma Maria da Graça Krieger:

Os estudos da lexicologia, ao se ocuparem de vocabulários específicos, topônimos e neologismos, contribuem, de modo particular, para o conhecimento da variação linguística do português do Brasil. À variação associam-se importantes aspectos da cultura nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade. (KRIEGER. 2010, p. 169)

Para o presente estudo, focaremos em conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais. Para Maria da Graça Krieger (2010), não há dúvida de que a sociedade tem interesse nesse tipo de informação, que diz respeito à sua língua, cultura e também comportamento linguístico.

A lexicologia tem fornecido as bases teóricas e metodológicas para estudos específicos sobre o léxico. Maria Aparecida Barbosa (1990) afirma que tais estudos podem ser considerados do ponto de vista diacrônico, sincrônico, pancrônico, podem sofrer um tratamento quantitativo ou qualitativo, ter uma abordagem descritiva ou aplicada.

A lexicologia estuda a inter-relação de cada palavra e remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso em níveis socioculturais, político e institucional. Ao lexicólogo, especialista da área, cabe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

Maria Tereza de Camargo Biderman (2001) chama a atenção para o fato de que a lexicologia faz fronteira com a Semântica já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa. Essa ciência também está ligada à dialetologia e à etnolinguística.

ca através de estudos sobre palavras e coisas, sobre as relações entre língua e cultura:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias. [...] a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. [...] É pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e generalizar o individual, o coletivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes. (BIDERMAN, 2001, p. 132)

6. A teoria dos campos lexicais em Fidalgo e Vaqueiros

Jost Trier, em 1931, tentou formalizar as relações entre léxico e semântica para fazer surgir a noção de *campo linguístico*, a qual se constituiu na grande revolução da semântica moderna, visando um setor conceitual de entendimento. De acordo com Celina Márcia de Souza Abbade (2015), as palavras formam um campo linguístico através de um campo conceitual e exprimem uma visão do mundo de acordo com reconstrução que elas possibilitam.

Pierre Guiraud reforça a importância de Jost Trier afirmando que:

A ideia de Trier, bem como a de *Weisgerber*, é a de que nossos conceitos recobrem todo o campo do real sem deixar espaço vazio e sem se sobrepor, assim como as peças de um quebra-cabeças. Disso resulta o fato de que qualquer mudança nos limites de um conceito acarreta uma modificação dos conceitos vizinhos, e, em consequência, das palavras que os exprimem. [...] Assim é que as palavras formam um “campo linguístico”, recobrando um campo conceitual e exprimindo uma visão do mundo cuja reconstrução elas possibilitam. (GUIRAUD. 1989, p. 83-85)

Mas o que realmente interessa para nossa pesquisa é o campo léxico. Conforme Celina Márcia de Souza Abbade (2009), nesse sentido, as palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim,

(...) para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão (...)

A teoria dos campos lexicais, segundo a direção estrutural proposta por Eugenio Coseriu, propõe que um campo se estabelece através de oposições simples entre as palavras. Para ele as redes de relações que se podem estabelecer por meio das estruturas paradigmáticas e sintagmáticas a qual contribui para o estudo do conteúdo de um signo são infinitas. (ABBADE, 2009, p. 40)

As palavras das quais a lexemática se ocupa são aquelas que desempenham uma função léxica ou uma função social, ou seja, as palavras que estruturam primariamente a experiência. É o que resta, depois de se eliminar as determinações gramaticais e categoriais. Portanto, não se considera, para efeito de estruturação, as interjeições, os artigos, os pronomes, as preposições, as conjunções e as partículas de afirmação e de negação além dos nomes próprios e dos numerais. Serão consideradas apenas as palavras lexemáticas, isto é, aquelas que desempenham a “função léxica”, pois elas representam a “configuração semântica do léxico”. (COSERIU, 1964. p. 89)

As palavras, para Eugenio Coseriu (1964), ao serem articuladas de maneira hierárquica, são agrupadas em *macrocampos* (conjunto de lexias articuladas que formam um campo superior) e em *microcampos* (subconjuntos dos macrocampos, ou seja, campos inferiores).

A organização das lexias em campos nos proporcionará a identificação da estrutura social e a maneira como o homem se posicionava frente aos espaços físicos e à natureza. Essas lexias organizadas fornecerão pistas sobre o modo como se davam as relações entre os fidalgos e vaqueiros, da cidade de Feira de Santana em plena década de 30, e suas relações com o ambiente à sua volta, uma vez que partiremos desses campos "fidalgos" e "vaqueiros", para a organização dos *macrocampos* e para as demais organizações dos *microcampos* (subgrupos dos macrocampos).

O trabalho com os campos lexicais se torna interessante por que tais campos deverão seguir uma rede de significações, o que nos permite considerar o léxico de maneira estrutural, demarcando o campo lexical de acordo com as estruturas lexemáticas e os lexemas conforme sugere a teoria dos campos lexicais proposto por Eugenio Coseriu, além de correlacionar as questões semânticas com as características culturais e sociais da cidade de Feira de Santana.

7. Considerações finais

A língua enquanto resultado das relações humanas, retrata a realidade, traçando o perfil de lugares, pessoas e principalmente, formando a

identidade de um povo. Enveredar pelas teias lexicais é sempre uma tarefa que nos conduz ao conhecimento de novas lexias.

Quando essa investigação é realizada a partir do vocabulário de um autor que faz relatos profundos e detalhados sobre a formação e o desenvolvimento da aristocracia rural e seus vaqueiros onde juntos “desbravaram” as terras da segunda maior cidade do estado da Bahia: Feira de Santana. Eurico Alves Boaventura buscou trazer à tona, uma aristocracia suarenta, requeimada do sol que corria em seus cavalos de campo atrás de bois bravos, como ele mesmo descreve em seu livro.

Utilizar do léxico para estudar a história das palavras, nos revela as relações que há entre língua e cultura, pois o mesmo traz as marcas socioculturais de um determinado grupo transmitidas de geração em geração.

Os estudos apresentados nesse artigo demonstram como o uso da língua, materializado através da escrita e da constituição de uma obra pautada num gênero discursivo específico, pode contribuir para o estudo do léxico e para o entendimento do modo de vida do povo feirense na década de 30.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo do lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Editora Quarteto, Salvador. 2009.

_____. A lexicologia e teoria dos campos lexicais. In: *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objetivos metodológicos, campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia*. Brasília: 1990.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Fundamentos da lexicologia. In: _____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1981].

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989, [1964]

DÓREA, Juraci. Eurico Alves e a Feira de Santana. In: OLIVIERI-GODET, Rita. *A poesia de Eurico Alves Boaventura: imagens da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural EGBA, 1999.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Trad.: Maria Elisa Mascarenhas. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 [1969].

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: FINATTO, Maria José Bororny; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. IV. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Editora Guanabara. Inglaterra, 1981.

OLIVIERI-GODET, Rita. *A poesia de Eurico Alves Boaventura: Imagens da Cidade e do Sertão*. Secretaria da Cultura e turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999. Salvador.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; Tradução de Antônio Chelini, Jose Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves a invenção da Bahia sertaneja*. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Edufba, 2009.

VILELA, Mário. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra (Portugal): Almedina, 1995.